



ALIMENTAÇÃO ANIMAL AVANÇOU NO PRIMEIRO SEMESTRE

Recentemente o Sindirações divulgou que a produção de rações durante o primeiro semestre alcançou 39 milhões de toneladas e avançou 5,2% quando comparada ao mesmo período do ano passado. Diante do custo da alimentação animal (milho, farelo de soja, farinhas e óleos de origem animal, aditivos importados e indexados ao dólar) que avançou sobremaneira, o auxílio emergencial no Brasil e o persistente déficit interno chinês permitiram razoável incremento na demanda por carne de frango e, em consequência, asseguraram avanço de 5,8% na produção de rações para frangos de corte, que culminou em 18,5 milhões de toneladas. Por sua vez, a produção de rações para poedeiras somou pouco mais de 3,5 milhões de toneladas, bastante ajustada ao plantel em produção que permaneceu praticamente estável no período apurado. Desde maio, contudo, vem ocorrendo moderação no alojamento das pintainhas por conta da persistência do alto custo dos grãos e dos baixos preços pagos ao produtor de ovos.

A exportação de carne suína avançou mais de 17%, e esse montante que alimentou o exterior, somado àquele consumido domesticamente, dinamizou os abates e determinou a produção de 9 milhões de toneladas de rações para suínos. Fato é que a incipiente recomposição do rebanho e a detecção de novos surtos da peste suína em diferentes regiões ranqueia a China como destino protagonista, e que continuará contribuindo decisivamente na superação de embarques totais superiores à um milhão de toneladas.

No caso da bovinocultura, a forte estiagem que se abateu sobre as bacias leiteiras nas regiões Centro-Oeste e Sudeste/Sul prejudicou a qualidade e disponibilidade das pastagens, catapultou os preços dos insumos utilizados na alimentação do rebanho e incrementou sobremaneira o índice de custo de produção do leite. Apesar do benefício proposto pelo auxílio emergencial de incrementar a demanda interna por gêneros de primeira necessidade, o impulso esperado revelou-se ineficaz diante do esperado incremento no consumo e repasse no preço de varejo dos lácteos. Essa combinação inibiu a

captação do leite cru por parte dos laticínios e acabou por pressionar o valor pago ao produtor. Em consequência, a produção de rações para vacas leiteiras sofreu retrocesso e somou 2,75 milhões de toneladas. Ao contrário, a produção de rações e concentrados para bovinos de corte alcançou 2,44 milhões de toneladas, devido a maior mobilização da alimentação industrializada para recria e terminação, por conta das péssimas condições das pastagens castigadas pelas adversidades climáticas. Apesar da entrada dos terminados de confinamento, a oferta de animais ao mercado decerto continuará bastante reduzida durante o segundo semestre por causa da diminuição dos abates de bois criados à pasto.

Em relação à aquicultura, o avanço de 8% na produção de rações para peixes foi resultado das tradicionais celebrações da quaresma e da Páscoa, afora outros fatores que aqueceram a demanda e, consequentemente, elevaram os preços pagos aos produtores. A atividade é considerada bastante promissora e a consolidação tem sido impulsionada pelo sistema de produção integrado, que fomenta e respalda os cooperados desde a disponibilização dos grãos até a comercialização do produto. Por outro lado, os produtores independentes têm sido desafiados pelo cenário bastante adverso e caracterizado pelo alto custo dos insumos. Já a demanda pelas rações para camarões alcançou 50 mil toneladas, montante com forte potencial de crescimento, mas dependente e carente de ações prioritárias para investimento, custeio, pesquisa e biossegurança voltadas à atividade.

Finalmente, o avanço na produção de alimentos para cães e gatos, que contabilizou quase 1,5 milhão de toneladas, é justificado pela afinidade no relacionamento entre tutores e mascotes que continuam coabitando mais estreitamente por conta da pandemia, muito embora, perceptível a mudança no comportamento de compra, já que parte dos consumidores pressionados pelas condições sócio econômicas foram forçados a buscar alternativas mais básicas. Por conta das circunstâncias impostas pelo novo cotidiano, é razoável estimar continuidade no ritmo da demanda durante o segundo semestre. ■



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA